

LEMBRA-TE
DE MIM SOB AS
ESTRELAS

filipe bacebo

*Às vezes, a vida separa-nos de quem amamos.
Mas o tempo e o destino reservam-nos
oportunidades e caminhos inesperados.*

FILIPPE BACELO

*Leva-me contigo, onde o vento canta,
E o mar na sua imensidão me encanta.
Agarra-me a mão, no silêncio profundo,
No abraço calmo deste velho mundo.
Naquelas noites em que o céu se esconde,
E a lua, tímida, sobre nós responde.
Deixa-me sentir, nos teus olhos a paz,
E no teu silêncio, onde o amor se faz.*

FILIPPE BACELO

Índice

PRÓLOGO	11
CAPÍTULO I	17
CAPÍTULO 2 – Maio de 2015.	19
CAPÍTULO 3	25
CAPÍTULO 4 – 13 de novembro de 1965	35
CAPÍTULO 5 – 14 de novembro de 1965	45
CAPÍTULO 6 – 15 de novembro de 1965	53
CAPÍTULO 7 – 2015	59
CAPÍTULO 8	67
CAPÍTULO 9	75
CAPÍTULO 10.	81
CAPÍTULO 11 – 1967.	85
CAPÍTULO 12.	93
CAPÍTULO 13.	99
CAPÍTULO 14 – 1962.	107
CAPÍTULO 15 – 1952.	113
CAPÍTULO 16 – 2015.	121
CAPÍTULO 17.	129
CAPÍTULO 18.	137
CAPÍTULO 19 – 1967.	145
CAPÍTULO 20.	149
CAPÍTULO 21 – 2015.	155
CAPÍTULO 22.	163
CAPÍTULO 23.	171

CAPÍTULO 24.	.179
CAPÍTULO 25 – 1967.	.189
CAPÍTULO 26.	.197
CAPÍTULO 27 – 2015.	.201
CAPÍTULO 28.	.209
CAPÍTULO 29.	.215
CAPÍTULO 30.	.223
CAPÍTULO 31.	.235
CAPÍTULO 32.	.243
CAPÍTULO 33.	.249
CAPÍTULO 34 – 1967	.253
EPÍLOGO	.257
AGRADECIMENTOS	.261

Prólogo

Na imensidão do Universo, no dia a dia do ser vivo, nos pequenos e nos grandes dias, precisamos de semear três coisas neste planeta:

o equilíbrio

a sobrevivência

e o propósito.

O equilíbrio é a dança silenciosa das estrelas que cada um de nós dança na pista que é a vida. Planetas giram em órbitas precisas, mantendo a harmonia cósmica, enquanto o ser humano tenta equilibrar-se na corda bamba que é a vida, almejando uma harmonia na sua caminhada. A gravidade, como um maestro invisível, conduz essa sinfonia celestial. O equilíbrio é a essência da nossa existência, a base sobre a qual tudo repousa, e talvez o segredo para uma vida harmoniosa. É no equilíbrio que é possível aconchegar as estrelas, sorrir nos braços dos avós, ouvir histórias ao redor de uma mesa num domingo de manhã, ou simplesmente observar em silêncio o pôr do sol.

Talvez sejam essas pequenas coisas do dia a dia que tornam a vida grandiosa. Na vastidão do infinito, somos apenas pequenos pontos de luz flutuando em correntes no Universo. O equilíbrio, nas nossas vidas, deve ser algo em que nos devemos guiar. Algo que devemos acreditar que é o segredo para fazer esta caminhada de uma forma mais harmoniosa. Por isso o equilíbrio é mais do que uma palavra abstrata; é a base que sustenta a nossa existência e nos permite prosperar. É nesse equilíbrio entre o trabalho e o lazer, entre o esforço e o descanso, que encontramos a verdadeira felicidade. Afinal, a vida é uma

dança delicada entre o fazer e o ser, e é na harmonia desses momentos que descobrimos a nossa verdadeira força e propósito.

A sobrevivência é o desafio que a Natureza nos impõe. Ela é a luta feroz pela vida, o instinto primitivo que mora em todos os seres vivos. Desde as bactérias microscópicas até aos majestosos lobos, todos os seres procuram sobreviver a qualquer custo, e o Homem não foge a esta regra. A Natureza é um ringue implacável, onde a competição é feroz e a adaptação é a chave para a perpetuação. Cada criatura, grande ou pequena, está envolvida numa batalha constante pela própria existência. E pela oportunidade de deixar a sua marca no mundo.

Sobreviver está nos genes do ser humano, que vai escondendo nas entrelinhas da existência. Não é um objetivo tangível, mas uma busca constante. A luta pela sobrevivência não é apenas uma batalha física, mas também emocional e espiritual. É a resiliência diante das adversidades, a capacidade de se reinventar e de encontrar forças onde parece não haver nenhuma. É a busca incessante por significado e propósito que nos impulsiona a seguir em frente, mesmo quando o caminho é árduo e incerto. E, no final das contas, é essa busca que nos define como seres humanos, que nos conecta uns aos outros e que nos faz apreciar a beleza e a complexidade da vida em toda a sua plenitude.

O propósito é uma centelha que se acende nos corações, que impulsiona a transcender a mera sobrevivência. É a procura pelo significado, desejar compreender o porquê. Assim como a Natureza, que luta incansavelmente todos os dias para persistir, o Homem também procura algo mais profundo. Procura a razão da sua existência.

Talvez o propósito do Homem esteja na conexão com outros seres. Nos momentos partilhados, nos abraços apertados, nas lágrimas derramadas. Talvez esteja na criação, na arte, na busca pelo conhecimento, ou talvez seja simplesmente viver, vivenciar cada momento com intensidade, como se fosse o último. E é nessa busca incessante que encontramos a verdadeira essência da vida. O propósito não é um

destino final, mas uma jornada contínua de autodescoberta e crescimento. É nas pequenas ações diárias, nos gestos de bondade e nas conquistas pessoais, que moldamos o nosso legado. Cada passo que damos, cada escolha que fazemos, contribui para a construção de um mundo mais significativo e pleno. E, ao final de cada dia, é a sensação de ter vivido com propósito que nos traz paz e satisfação.

Mas o equilíbrio
a sobrevivência
e o propósito
não são suficientes.
É preciso amor.

O amor é a maior arma de que o Homem dispõe. É uma força poderosa que permeia a existência humana e transcende as barreiras do tempo e do espaço. Ele manifesta-se de diversas maneiras, e profundas, e a sua influência é inegável. Sem o amor não vivíamos. Não conseguimos. É ele que nos salva todos os dias, a todos os segundos. Ele é o elo que une o equilíbrio, a sobrevivência e o propósito do ser humano.

No equilíbrio, o amor é o que nos permite encontrar harmonia nas nossas vidas. É através do amor que cultivamos relações saudáveis, que nos apoiamos mutuamente e que encontramos paz interior. O amor ajuda-nos a equilibrar as exigências do dia a dia, proporcionando-nos momentos de alegria e serenidade.

Na sobrevivência, o amor é o que nos dá força para continuar. É o amor pelos nossos entes queridos que nos motiva a lutar, a superar obstáculos e a enfrentar adversidades. O instinto de proteger e cuidar daqueles que amamos é uma poderosa força que nos impulsiona a persistir, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. O amor é o que nos mantém unidos e nos dá a coragem para seguir em frente.

E no propósito o amor é o que dá significado às nossas vidas. É através do amor que encontramos a nossa razão de ser, seja na conexão com outros seres, na criação artística, na busca pelo conhecimento ou na vivência plena de cada momento. O amor inspira-nos a buscar

algo maior do que nós próprios, a deixar um legado e a fazer a diferença no mundo. É o amor que nos faz sentir vivos e que nos dá a sensação de plenitude e realização. Assim, o amor é a força que liga todos esses conceitos e que mantém o ser humano vivo. Ele é a base sobre a qual construímos as nossas vidas, a energia que nos move e o sentido que procuramos. Sem amor, o equilíbrio, a sobrevivência e o propósito perderiam o seu significado e a vida seria apenas uma existência vazia.

Na Natureza, o amor está presente em cada detalhe. As plantas entrelaçam-se para partilhar nutrientes, para alcançar o sol e sustentar a vida. Os animais cuidam das suas crias com dedicação, garantindo a sua sobrevivência. O amor é o motor que mantém os ecossistemas em harmonia.

No entanto, por vezes a Humanidade afasta-se desse equilíbrio natural. Às vezes confunde o amor com outros sentimentos, como posse, egoísmo ou obsessão. O verdadeiro amor é altruísta, gentil e compassivo. Ele incentiva-nos a cuidarmos uns dos outros, a proteger o planeta e a fazer do mundo um sítio mais justo e equilibrado.

Mas a realidade é que o Bem não existe sem o Mal. A dualidade entre o Bem e o Mal é uma parte intrínseca da condição humana. O Mal não é simplesmente «preto no branco»; ele manifesta-se de várias formas e é muitas vezes uma consequência de circunstâncias complexas e multifacetadas. O Mal pode surgir do medo, da ignorância, da dor ou da busca desesperada por poder e controlo. Ele é uma força que desafia o equilíbrio e testa a resiliência do amor e da compaixão. A necessidade do Mal reside na sua capacidade de nos ensinar e de nos fazer crescer. É através dos desafios e das adversidades que enfrentamos que descobrimos a nossa verdadeira força e capacidade de superação.

O Mal obriga-nos a refletir sobre as nossas ações, a questionar as nossas motivações e a procurar um caminho mais justo e equilibrado. Ele lembra-nos da fragilidade da vida e da importância de lutar pelo que é certo. O Mal é inerente à condição humana, e é essa

Capítulo 2

MAIO DE 2015

Naquela noite, Sofia tinha demorado imenso tempo a adormecer. Nas primeiras horas da noite não tinha pregado olho, e agora notava-se bem as olheiras nos olhos semiabertos. Sofia estava inerte, frente ao espelho da casa de banho, fazia já alguns minutos. Durante a insónia, remexeu nas fotografias de quando era pequena. Isso deu-lhe algum conforto, mas também trouxe um doce amargo de saudade. Na maior parte das fotografias tinha sempre um livro na mão, pois era isso que ela gostava de fazer. Deliciava-se com as histórias, que a faziam viajar e correr mundo. Desde nova dizia que ia escrever livros. Não se enganou. Sempre fora uma filha do vento, o cabelo revirado pelo vento, enquanto corria pelo monte no Alentejo. Em todas as fotografias havia um sorriso. Doce, e muitas vezes assimétrico, como o da sua avó Esmeralda. Em tempos foi feliz.

O tempo passava implacável e Sofia, agora com trinta e quatro anos, mal percebia a sua própria existência. O tempo, outrora lento e sereno, agora acelerava como um furacão, ultrapassando todos os limites de velocidade e deixando marcas profundas na sua pele. Nem os cremes milagrosos conseguiam evitar as rugas, que surgiam como cicatrizes de batalhas travadas ao longo dos anos. O vazio que sentia dentro de si era um presságio de um fim inevitável, um fim que ela se recusava a enxergar, ou fingia não ver. No silêncio dos seus pensamentos, o som do seu coração a bater era como o eco de tropas marchando

rumo à morte, uma melodia sombria que anunciava a chegada do desconhecido.

Fora invadida por um sentimento de abandono. Lutava para sair desse abismo onde se encontrava, e a sensação que estava na beirada de uma estrada, sozinha, deixada para trás, ia-se dissipando. Ardia nela um sentimento de vazio, que percorria o seu corpo, deixando-o sem forças para continuar.

Caminhava agora lentamente pela sala da sua casa em direção à janela. Espreitava pela janela e observava a vida lá fora, onde as crianças brincavam no parque em frente do seu apartamento. Fechou os olhos e tentava concentrar-se no bater do coração, mas, ao contrário de uns minutos antes, deixou de o sentir. Sabia que a dor tinha de passar. Tem vindo a diminuir, mas quando chega, ainda chega com a força de um tornado, deixando-a sem respiração.

Se voltasse ao passado, seria para o colo da sua avó. Esconder-se por baixo do avental, com o qual a Esmeralda enxaguou imensas vezes as suas lágrimas. Os aventais das avós são especiais. Ajudam a curar qualquer ferida. E essas lembranças aqueciam-lhe o coração. Recordava a temporada que ficava na avó. Eram as férias grandes da escola, e os pais enviavam-na para lá. No monte alentejano, adorava acordar cedo. Descia as escadas a correr ainda com os olhos cheios de remelas. Adorava ir com a avó dar de comer aos animais da quinta, tirar o leite da *Cornélia*, a vaca batizada por ela. Na volta trazia meia dúzia de ovos no avental feito pela avó, com o seu nome bordado e com imensos corações.

De tarde a avó fazia uma broa com chouriço, que fazia brilhar os pequenos olhos de Sofia, quando a avó chamava por ela para ir comer. Sofia gostava muito de passar algumas tardes perto de um sobreiro que havia perto de casa. Passava lá tardes a ler, a sonhar, ou simplesmente a sentir o vento beijar-lhe o rosto. Ao entardecer, quando o avô chegava dos campos, corria na sua direção, gritando pelo nome dele. O avô abraçava-a no seu colo, enchendo-a de beijos. Antes de entrar em casa andava com o avô num pequeno trator.

Os cabelos ruivos dançavam ao vento, juntamente com a imaginação da pequena Sofia, até serem interrompidos por Esmeralda, ou a avó Mé, como Sofia lhe chamava, que avisava que o jantar estava pronto. Mas não queria voltar atrás, aonde foi feliz.

Com o olhar vidrado no horizonte, apática e sem qualquer reação, deixou-se estar a olhar pela janela por alguns minutos. Depois deu meia-volta e caminhou até ao sofá, sentando-se nele. Tombou a cabeça para trás, de tal maneira que ficou a fitar o teto branco da sala. Ficou ali, esperando que o tempo passasse, imaginando ouvir uns ponteiros de um relógio antigo, mas o silêncio persistia, teimando em não ceder. Estava aprisionada dentro de si própria, que a impedia de reagir nestes momentos. Talvez fosse o fim para dar início a um novo recomeço, mas doía na sua alma.

Respirou fundo, tentando encontrar conforto na regularidade do próprio ritmo. Lembrou-se das palavras e dos conselhos da sua psicóloga. Durante a última consulta, a psicóloga sugeriu que ela tirasse uns dias de férias. Fazer uma viagem e ficar um pouco longe de Lisboa. Apesar de Sofia ter mostrado alguma resistência, lá acabou por aceitar o conselho. Vagarosamente, levantou-se e foi como se cada movimento fosse um ritual de despedida da inércia que a prendia. Cambaleando, caminhou até à cozinha com a intenção de beber um pouco de água, deixando para trás a luz suave do entardecer, que a saudava tingindo as paredes com um tom dourado, lembrando-a de que, apesar de tudo, o mundo continuava a girar e, com ele, Sofia também deveria continuar. Talvez não naquele dia, nem no seguinte, mas em breve, começava a acreditar, apesar de sempre relutante.

De volta à sala, aproximou-se da janela, com a mão hesitante quase tocando o vidro frio. Lá fora, a vida seguia o seu curso – as crianças continuavam a brincar, os pássaros retornavam aos seus ninhos, onde o mundo se preparava para a tarde que chegava, e o rio Tejo seguia o seu percurso, calmamente e seguro de si.

Os sonhos que acalentara na juventude pareciam agora distantes e inalcançáveis. A vida adulta trouxe responsabilidades, compromissos